

MIGUEL REAL
CLEPUL

Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1851-1925)

A primeira professora da Faculdade de Letras de Lisboa



Alemã de nascimento, casada em 1876 com Joaquim Leite de Vasconcelos, Carolina Michaëlis de Vasconcelos, desafiando o positivismo sociológico de Teófilo Braga, introduziu em Portugal os estudos histórico-filológicos, que sabiamente aplicou à literatura medieval e renascentista. Designada por Mendes dos Remédios como “fada benéfica” do estudo das letras portuguesas, “a grande maga”, a “nossa querida mestra”, a “imortal mestra”, a “sagaz esmerilhadora dos textos”¹, cumulada de erudição, Carolina Michaëlis de Vasconcelos tornou-se, com a instauração da República em 1910, a primeira mulher a ocupar o lugar de professor na Faculdade de Letras de Lisboa, em 1911, transferida a seu pedido, no ano letivo seguinte, para a Faculdade de Letras de Coimbra². Albin Eduard Beau, professor de Língua e Literatura Alemã na Faculdade de Letras de Coimbra na década de 1950 trata respeitosamente Carolina Michaëlis de Vasconcelos por “a erudita, a douta senhora”³.

Considerando-se “aristocrata na verdadeira aceção da palavra e, por isso mesmo, demófila por defender a justiça social”⁴, “alheia por índole a todos os dogmatismos”, mas “religiosa no sentido verdadeiro da palavra”, cultora da “ideia de Deus, ou seja, [possuindo] a consciência da nossa dependência de uma coisa imensa, poderosa, fora de nós”⁵, Carolina Michaëlis de Vasconcelos notabilizou-se em Portugal tanto pela sua superior erudição, então sem par no nosso país, como, sobretudo, pela inserção dos estudos lusitanistas no vasto campo da investigação filológica das línguas novilatinas, procedendo, assim, primeiro, à atualização científica do estado dos estudos latinos e filológicos lusitanistas, e, segundo, e como consequência dessa actualização, à integração das investigações portuguesas no movimento científico europeu deste ramo de estudos. Joaquim Leite de Vasconcelos, em 1872, com 23 anos, na sequência da polémica do “Bom Senso e do Bom Gosto”, de 1865, criticara fortemente a tradução e as notas de António Feliciano de Castilho ao *Fausto*, de Goethe, evidenciando a imbecilidade da tradução. Leite de Vasconcelos recebeu uma carta de uma menina de Berlim a elogiar a sua crítica a Castilho. Carolina Michaëlis fora a autora da carta, tinha então 21 anos, dominando já as línguas da Península Ibérica. Albin Eduard Beau narra a história da precocidade linguística de Carolina Michaëlis de Vasconcelos:

As suas capacidades de penetrar nas línguas estrangeiras – tanto nas clássicas como nas modernas, e não só no seu vocabulário como sobretudo na sua estrutura – devem ter sido extraordinárias. Tinha ela 14 anos quando o prof. Goldbeck, seu mentor, lhe deu a tradução espanhola do Novo Testamento para ela o ler – sem ainda saber Espanhol e precisamente para ela se familiarizar com esta língua [...]. Passadas poucas semanas, a aluna apresentou ao seu professor um caderno de significados, com os termos espanhóis acompanhados pela sua correspondência em francês e italiano, e – o que é ainda mais interessante – com uma gramática do Espanhol, organizados ambos sem ter ela recorrido a qualquer método ou dicionário desta língua. Chegada até este ponto, Carolina não tardou em passar a estudar igualmente os restantes idiomas peninsulares, o Catalão e o Português.⁶

BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA:

- *As cem melhores poesias (líricas) da língua portuguesa* (escolhidas por Carolina Michaëlis de Vasconcelos), London, Gowans & Gray, 1914.
- *Notas vicentinas: preliminares de uma edição crítica das obras de Gil Vicente*, Coimbra, Imp. da Universidade, 1922.
- *Lições de filologia portuguesa: seguidas das lições práticas de português arcaico*, Lisboa, Rev. de Portugal, 1956.
- *Cancioneiro da Ajuda* (edição crítica e comentada por Carolina Michaëlis de Vasconcelos), Torinó, Botega d'Erasmus, 1966.
- *A cartilha portuguesa e em especial a do Sr. João de Deus*, Coimbra, Faculdade de Letras, 1976.
- *Romances Vêlhos em Portugal: estudos sobre o romanceiro peninsular*, Porto, Lello & Irmão, 1980.
- *A infanta D. Maria de Portugal e as suas damas* (prefácio de Américo da Costa Ramalho), Lisboa, Biblioteca Nacional, 1983.
- *Poesias de Francisco Sá de Miranda* (edição de Carolina Michaëlis de Vasconcelos, reprod. em fac-símile de 1885), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989.

¹ Mendes dos Remédios, *D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos*, Coimbra, Faculdade de Letras, 1926, pp. 9, 21, 31, 35 e 18.

² Carolina Michaëlis de Vasconcelos residia no Porto.

³ Albin Eduard Beau, *D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos*, Lisboa, Publicações do Instituto Alemão, nº 2, 1958, p. 17.

⁴ Carolina Michaëlis de Vasconcelos, “Carta a Alfredo Pimenta”, *apud* Albin Eduard Beau, *op. cit.*, p. 19.

⁵ *Ibidem*, p. 18.

⁶ Albin Eduard Beau, *op. cit.*, pp. 8-9.

⁷ Maria Assunção Pinto Correia, *O Essencial sobre Carolina Michaëlis de Vasconcelos*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1986, p. 5.

⁸ Carolina Michaëlis de Vasconcelos, “Neues aus Spanien und Portugal”, in *Magazin für die Literatur des Auslandes*, *apud* Maria Assunção Pinto Correia, *op. cit.*, p. 8.

⁹ *Lusitânia. Revista de Estudos Portugueses* foi fundada por Carolina Michaëlis de Vasconcelos em 1924 e publicou dez volumes até 1927, sendo os dois últimos editados após a morte da fundadora. Manteve-se no entanto no cabeçalho o nome de Carolina Michaëlis de Vasconcelos com a designação “antiga diretora” e sem nome substituto como diretor presente.

¹⁰ W. Meyer-Lucke, “Carolina Michaëlis e a Filologia Românica”, in *Lusitânia. Revista de Estudos Portugueses*, Lisboa, n.º 10, p. 19.

¹¹ *Ibidem*.

¹² *Ibidem*.

¹³ *Ibidem*, pp. 21-22.

Proibida a frequência das universidades alemãs pelas mulheres, Carolina Michaëlis de Vasconcelos tornara-se “intérprete oficial do Ministério do Interior para os assuntos da Península Ibérica”⁷. Carolina Michaëlis de Vasconcelos chegou a Portugal em 1876, instalando-se no Porto. Tinha consciência da inabilidade do ambiente político-cultural que vinha encontrar, já que, três anos antes, escrevera no *Magazin für die Literatur des Auslandes* o artigo “Neues aus Spanien und Portugal”, onde comenta que:

[N]este último país [Portugal] começa lentamente a despertar uma nova vida, uma intensa atividade cultural, e a surgirem homens que dizem sem quaisquer peias o que pensam, criticando, com a maior incisão, com o maior arrojo, aquela mediocridade descarada que, ao longo de décadas, dominou o público.

É de três jovens portugueses – Adolfo Coelho, Joaquim de Vasconcelos e Teófilo Braga – que partem estes primeiros esforços com vista a uma regeneração. [...] A servidão terá de transformar-se em liberdade, a ignorância em saber, para que a nação como tal não venha a desmoronar-se por completo. Por agora encontram-se completamente isolados nas suas ambições e diligências.⁸

Os primeiros estudos de Carolina Michaëlis de Vasconcelos em Portugal versaram sobre pedagogia: “A Cartilha Portuguesa e em especial a do Sr. João de Deus”, três artigos publicados na revista *Ensaio*, do Porto, em 1877, ano do nascimento do seu único filho.

W. Meyer-Lucke, no número da *Lusitânia. Revista de Estudos Portugueses*⁹ preenchido na totalidade pelo *In Memoriam* a Carolina Michaëlis de Vasconcelos, considera que, logo no seu primeiro trabalho de autodidata, em 1876, esta estudiosa ousara aplicar “ideias darwinistas”¹⁰ ao estudo das línguas. Conclui o autor, interpretando o estudo *Studien zur romanischen Wortschöpfung*, de Carolina Michaëlis de Vasconcelos: “a evolução das línguas é uma luta incessante e vitoriosa, na qual não faltam a morte e o aniquilamento, mas em que só desaparecem e sossobram elementos isolados, fracos e impróprios, que cedem o lugar aos mais fortes e adequados”¹¹. Neste sentido, W. Meyer-Lucke cita Carolina de Vasconcelos: “No sentido geral pode dizer-se que cada modificação de uma língua é uma evolução progressiva. [...] Conclui-se que a língua humana só aparentemente, e olhando a pormenores, retrograda; observada em conjunto, devemos considerá-la em progresso e aumento da sua potência. [...] As línguas derivadas estão numa fase de desenvolvimento superior à da língua mãe, ou, se assim o preferirmos dizer: são mais ricas do que esta”¹². Segundo este autor, o primeiro estudo de Carolina Michaëlis de Vasconcelos revelou de imediato todas as suas qualidades investigativas:

D. Carolina de Vasconcelos possuía todas as qualidades indispensáveis no etimólogo: o conhecimento exato das formas do vocabulário antigo, saber em que poucos a igualavam; finíssimo tato para as mutações de significação; perfeita compreensão das evoluções sónicas; conhecimento suficiente das outras línguas românicas para poder analisar qualquer palavra da Península Ibérica, sob o ponto de vista geral e sem erro na escala das comparações. [...]

Este resultado [das suas investigações] é devido às qualidades a que já me referi: à forma cuidadosíssima, e conscienciosa em extremo, com que trabalhava; à sua profunda ciência; à sua intuição etimológica, que quase espontaneamente lhe indicava a solução verdadeira. Sobretudo, porém, à sua modéstia científica. D. Carolina não pretendia trilhar caminhos novos, e brilhar, ofuscar com hipóteses ousadas, de insuficientes fundamentos, cuja única utilidade está às vezes na controvérsia que provocam. Punha sob os olhos estudiosos, serenamente e sem o menor alarde, aquilo que, serenamente, no seu labor incessante, julgava ter encontrado, acrescentando-lhe a demonstração simples, mas sempre concludente, pela qual chegara ao resultado que apresentava.¹³

Maria Assunção Pinto Correia realça outras qualidades: “exatidão, sentido crítico, pragmatismo, equilíbrio”¹⁴, bem como sublinha as duas qualidades maiores dos textos de Carolina Michaëlis de Vasconcelos: “estudos densos e cuidadosamente fundamentados”¹⁵. De facto, da bibliografia que G. Moldenhauer publicou em 1933¹⁶ constam mais de 170 estudos de Carolina Michaëlis de Vasconcelos¹⁷, inferior em quantidade à obra de Teófilo Braga, mas, ao nível da filologia histórica, superior em qualidade. Segundo Maria Assunção Pinto Correia, Carolina Michaëlis de Vasconcelos referia-se ao trabalho de Teófilo Braga como superficial e precipitado¹⁸. Por outro lado, José Maria Rodrigues, comentando na *Lusitânia. Revista de Estudos Portugueses* os estudos de D. Carolina sobre Camões (*Estudos Camonianos e Notas Camonianas*), observa que estes “abriram uma nova época na história dos estudos camonianos”¹⁹. Costa Pimpão, que não poupa elogios aos estudos de Carolina Michaëlis de Vasconcelos, postulando-a como “mestra da crítica erudita”²⁰, não esconde também as limitações do método histórico-filológico da autora, que se “arriscava a perder de vista a unidade estética das obras sobre que incidia a sua atenção”²¹, dando como exemplo os seus trabalhos sobre Gil Vicente. Neste sentido, segundo Costa Pimpão, história e filologia teriam abafado a análise do plano estético nos estudos de Carolina Michaëlis de Vasconcelos. Com efeito, provinda da escola positivista alemã, o amplo e esforçado trabalho desta autora está destinado todo ele para a preparação de edições críticas histórica e filologicamente irrepreensíveis e não para a exaltação de elementos linguísticos e literários de carácter estético. Pela sua obra publicada, mais do que a formulação de sínteses especulativas sobre o valor propriamente literário da obra, evidencia-se ser aquele o seu grande objetivo, o da crítica textual. Importava-lhe definir rigorosa e inabalavelmente um *corpus* definitivo da obra literária. Note-se que na descrição da sua metodologia, Carolina Michaëlis de Vasconcelos não faz referência ao plano estético da obra:

Tentarei averiguar *factos*, remontando às fontes, sempre que isso me seja possível [...] Servindo-me de indícios dispersos, ponderando, sem juízo preestabelecido, hipóteses apresentadas já por outrem, sujeitando à crítica tradições e lendas, não dando fé a nenhuma, embora seculares às vezes, exaradas onde quer que seja e por quem quer que seja, quando não forem suficientemente documentadas, ou baseadas em raciocínios que satisfaçam, conto extirpar erros velhos, ratificar concepções mal cimentadas, e substituir suposições vãs por verdades autenticadas.²²

Neste sentido, a classificação da obra completa de Carolina Michaëlis de Vasconcelos em seis pontos principais a que Maria Manuela Gouveia Delille procede parece-nos muito justa, evidenciando, segundo o juízo de Costa Pimpão, que o plano autónomo estético da obra literária se encontra de facto desvalorizado em Carolina Michaëlis de Vasconcelos. São os seguintes os seis pontos em que Maria Manuela Gouveia Delille divide a obra de Carolina Michaëlis de Vasconcelos:

1. as edições críticas das Poesias de Francisco de Sá de Miranda (1885) e do Cancioneiro da Ajuda (1904), abundantemente comentadas e acompanhadas de pertinentes notas bibliográficas e histórico-literárias; 2. as *Randglossen zum Altportugiesischen Liederbuch* [*Notas Marginais ao Cancioneiro Medieval Português*], publicadas entre 1896 e 1905 em vários números da *Zeitschrift für Romanische Philologie*, editada por Gustav Grober, e os *Estudos sobre o Romanceiro Peninsular, Romances Velhos em Portugal* (1907-1909), escritos, a pedido de Menéndez Pidal, para uma importante revista madrilenha; 3. os *Novos Estudos sobre Sá de Miranda* (1911) [...]; 4. as minuciosas, exatas e esclarecedoras *Notas Vicentinas*, apresentadas entre 1912 e 1922 como notas preliminares de uma edição crítica das obras de Gil Vicente [...]; 5. o curioso estudo intitulado *A Saudade Portuguesa* [...], em que, a propósito de uma antiga canção portuguesa quinhentista intercalada num drama castelhano inesiano, se ocupa da figura de Inês de Castro, na literatura e na história peninsular, e tece – nas suas próprias palavras – algumas “divagações filológicas, ligeiramente retintas de filosofia” sobre o sentimento doce-amargo da saudade, ora se afastando, ora se aproximando das ideias propagadas pelos principais representantes do movimento saudosista; 6. finalmente, os seus valiosos e múltiplos trabalhos sobre a vida e

¹⁴ Maria Assunção Pinto Correia, *op.cit.*, p. 35.

¹⁵ *Ibidem*, p. 42.

¹⁶ Desconhecemos se existe atualização desta utilíssima bibliografia de Carolina Michaëlis de Vasconcelos.

¹⁷ Cf. G. Moldenhauer, “Bibliografia de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos”, Sep. de AA. VV., *Miscelânea de Estudos em Honra de D. Carolina Michaelis de Vasconcelos*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1933.

¹⁸ Maria Assunção Pinto Correia, *op.cit.*, p. 35. *Ibidem*, p. 22.

¹⁹ José Maria Rodrigues, “D. Carolina Michaëlis e os Estudos Camonianos”, Sep. de *Lusitânia. Revista de Estudos Portugueses*, n.º 10, p. 1.

²⁰ Álvaro da Costa Pimpão, “O Método na História da Literatura Portuguesa (de Almeida Garrett à actualidade)”, in AA. VV., *Congresso do Mundo Português. Publicações*, vol. XIII, Lisboa, Edição da Comissão Executiva dos Centenários, Congresso do Mundo Português, s/d., [1940], p. 581.

²¹ *Ibidem*, p. 582.

²² Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *Notas Vicentinas*, apud Manuela Gouveia Delille, *Carolina Michaëlis de Vasconcelos – Uma Alemã, Mulher e Erudita, em Portugal*, Sep. da *Biblos*, Coimbra, vol. LXI, 1985, p. 12.

²³ Manuela Gouveia Delille, *op. cit.*, pp. 9-11.

²⁴ *Ibidem*, pp. 24-32.

²⁵ Cf. AA. VV., *Carolina Michaëlis de Vasconcelos. Homenagem do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*, Lisboa, Sep. revista *Alma Feminina*, 1926.

a obra de Luís de Camões que, de parceria com os de Wilhelm Storck, abriram uma nova era na história dos estudos camonianos.²³

Naquele que é até hoje o melhor estudo sobre Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Maria Manuela Gouveia Delille chama longamente a atenção para a faceta feminista da autora²⁴, comprovada, aliás, não só pelo convite, em 1914, para assumir a presidência honorária do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, como pela sentida homenagem prestada por este Conselho aquando do falecimento de Carolina Michaëlis de Vasconcelos²⁵. ▀